



A AMEAÇA SOMBRIA

LIVRO 2 DA TRILOGIA ECHO

MELISSA GREY

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Melissa Grey

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

As citações originais utilizadas nesta edição foram retiradas de *O mestre e Margarida*, de Mikhail Bulgákov (Trad. de Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2010) e *Além do bem e do mal*, de Friedrich Nietzsche (Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005).

TÍTULO ORIGINAL The Shadow Hour

CAPA Jen Wang

CALIGRAFIA DA CAPA Flávia Zimbardi

PREPARAÇÃO Carla Bitelli

REVISÃO Giovanna Serra e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grey, Melissa

A ameaça sombria : livro 2 da trilogia Echo / Melissa

Grey; tradução Flávia Souto Maior. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: The Shadow Hour.

ISBN 978-85-5534-032-1

1. Ficção juvenil I. Título.

17-01539

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

[contato@seguinte.com.br](mailto: contato@seguinte.com.br)



Prólogo



ROWAN PODIA APONTAR O MOMENTO EXATO em que se apaixonou. Levaria dez anos para admitir isso, para reunir o vocabulário que sintetizasse a complexidade de suas emoções, mas ele sentiu os primeiros sinais do amor no instante em que Echo entrou em sua vida.

Naquele dia, sua mãe tinha lhe dado uma cesta cheia de bolinhos recém-assados e o levado para brincar com os órfãos da Ala. Os bolinhos, uma mistura fofinha de massa vermelha com cobertura de *cream cheese*, acabaram tão depressa que Rowan teve sorte de conseguir pegar o último.

Quando a garota humana entrou na sala, as crianças ficaram em silêncio. Seus cabelos desgrenhados lembravam uma criatura selvagem, e ela estava agarrada à Ala como uma âncora. Não tinha penas. Seus braços pelados pareciam quase obscenos se comparados à penugem que cobria a pele de Rowan. Seus grandes olhos castanhos foram parar diretamente sobre o bolinho que ele segurava, como se ela fosse um falcão caçando a próxima presa. Ela era tão magra, tão pálida.

Ele estendeu a mão, oferecendo o bolinho mordido como se fosse algo precioso. Para a garota, era mesmo. Mesmo que ele já tivesse lambido boa parte da cobertura.

Ela pegou o bolinho com um olhar de gratidão tão surpreso que Rowan prometeu a si mesmo, do alto de seus sete anos, que

dedicaria o restante de sua vida para provocar aquele sorriso. Era um sorriso lindo, e ele queria guardá-lo. Queria guardar *aquela* garota, exatamente como ela estava naquele momento. Feliz.

Durante a década seguinte, ele conseguiu fazer Echo sorrir daquela forma por diversas vezes, e ela abriu os olhos dele a uma parte do mundo que Rowan desconhecia. Ele não era bom com as palavras — elas nem sempre faziam sentido nas páginas —, então Echo lia para ele. Passavam tardes na biblioteca da Quinta Avenida, ele deitado no colo dela, enquanto ela fazia cafuné e lia em voz alta, de Dickens a Vonnegut e Rowling. Ele se apaixonou por aquelas histórias da mesma forma que se apaixonou por Echo: com um pouco de relutância a princípio, mas logo com total entrega. Ele tentou retribuir o favor ensinando-a a desenhar, mas Echo era um caso perdido. A pobrezinha não conseguiria desenhar uma linha reta nem se sua vida dependesse disso. O amor deles era doce como um bolinho e leve como uma cobertura de *cream cheese*.

Agora, olhando para a garota que estava em sua frente na Floresta Negra, emoldurada por uma auréola de fogo, ele mal conseguia se lembrar daquela pessoa. Ela era grandiosa e terrível, um ser de pura magia, espalhando a destruição por todos os lados.

Até aquele momento, Rowan nunca tinha visto uma batalha, nunca havia sentido o cheiro pungente e metálico do sangue no ar, nunca tinha ouvido gritos angustiados se elevando sobre o clamor da morte. As chamas que engoliam a floresta — devorando as árvores em uma cascata violenta e sobrenatural de vermelho e dourado — tocavam seus pés, queimavam a pele exposta de suas mãos. As únicas batalhas que Rowan conhecia eram representações enquadradas de guerras passadas, imortalizadas em pinturas gigantescas que ocupavam as paredes de museus. Ele as havia estudado por horas, debruçado sobre o caderno de desenho, dedos pretos por

deslizar carvão sobre a página. Imaginar o caos era bem diferente de testemunhá-lo.

Echo estava ao lado de um salgueiro-chorão, com chamas alaranjadas ao seu redor, braços estendidos para baixo e palmas viradas para cima. Os olhos dos dois se encontraram no campo, e Rowan chamou o nome dela, mesmo sabendo que ela não podia escutá-lo.

As visões e sons da batalha que se enfurecia ao redor foram desaparecendo. Echo ergueu os braços, como se fosse impedir um golpe, mas o que aconteceu em seguida não tinha explicação. Um fogo, diferente de qualquer outro que Rowan já tivesse visto, emanou da palma de suas mãos. As chamas eram pretas como piche e de um branco ofuscante como o sol. Eram tão brilhantes que seus olhos lacrimejaram e ele teve que desviar o olhar.

Echo havia lhe dito que estava caçando o pássaro de fogo, que possuía um mapa que a levaria até ele. Mas os resultados da busca haviam sido diferentes de tudo o que Rowan esperava.

A garota por quem ele se apaixonara em meio a bolinhos e histórias havia evoluído. Agora, ela era algo selvagem e devastador, uma fera celestial emoldurada por uma labareda de sua própria criação.

Echo não havia apenas encontrado o pássaro de fogo.

Ela *era* o pássaro de fogo.

Puta merda.

UM



QUEM É VOCÊ?

A pergunta atravessou o céu ardente, feita por um coro de vozes que se infiltravam pelas trincas das rochas que brilhavam como carvão em brasa, que escorriam do brilho quente e pulsante do magma que aos poucos descia para engolir toda a vida em seu caminho.

A lava passou pelas botas de Echo. Ela olhou para os pés, impassível, distanciada da visão da borracha e do couro que borbulhava e derretia. Os cadarços pegaram fogo, mas ela não os sentiu queimar. Fuligem cobria sua pele, grudava em seus cabelos, em seus cílios, em suas roupas. O azul havia sumido do céu por causa da erupção, dando lugar à escuridão, evocada por um véu de cinzas.

Quem é você?

— Isso não é real — disse Echo.

E isso não é uma resposta.

Era um sonho. E, no sonho, ela estava queimando. Bolhas enchiam sua pele por causa do calor. O magma corria por seus tornozelos. Isso não a assustava agora — embora tenha assustado na primeira vez que tivera esse sonho. E na segunda. E na terceira. A essa altura, porém, havia vivenciado a cena tantas vezes que já começava a parecer comum. Só precisava resistir. Logo ela acordaria. Era capaz de fazer isso. Se havia algo em que Echo se destacava, era no quesito sobrevivência.

Ela ignorou a pergunta — ainda não a havia respondido em nenhum de seus sonhos — e olhou na direção da boca escancarada do vulcão. Ficou perto da base, enquanto ele expelia fogo, fumaça e cinzas nos céus. Gritos vieram do vilarejo abaixo. Essa era a pior parte. Ela conseguia ignorar seu corpo em chamas, mas nunca conseguia ficar indiferente aos gritos. Todas as noites, invariavelmente, desde a primeira. Desde a noite em que ela abriu a porta para o mundo e deixou o pássaro de fogo entrar. Ela podia senti-lo agora, suas asas tremulando em seu interior, como se testasse os limites de sua gaiola mortal.

Ela ouvia a mesma indagação todas as noites, perguntada por um interlocutor com mil vozes que soavam em uníssono: *Quem é você?*

Eu sou Echo, ela pensava. Nunca dizia as palavras em voz alta. Ela sabia que a resposta não estava certa. Ou talvez só não estivesse completa.

A lava subia por suas pernas, acima dos joelhos, das coxas, da cintura, consumindo-a centímetro por centímetro. Em segundos, ou talvez minutos — era tão difícil marcar o tempo em sonhos —, correria até a sua boca e suas narinas. Lacraria seus olhos. Logo todo o corpo dela estaria preso à encosta da montanha, igual a uma mosca em âmbar.

Ela só precisava sobreviver. Morrer em sonhos não era a pior parte. Acordar com mais perguntas do que respostas, sim. *Isso* era culpa dela. A erupção. O fogo irrompendo da terra. A escuridão que devorava o céu. Os gritos das pessoas capturadas no meio de uma dança cósmica que havia começado muitas eras antes de seu nascimento. Logo, Echo acordaria e daria início a um novo dia. Mas esse “logo” sempre parecia mais demorado quando ela estava presa nesse sonho.

Quem é você? A pergunta era clara, mesmo sobre os lamentos aflitos das pessoas.

Sou o fim de todos eles, Echo pensou. Sou a ruína deles. Não fui capaz de protegê-los de algo que eu mesma causei. Abri uma porta que não devia ter aberto, e agora não sei o que fazer. Estou sozinha.

Então as vozes perguntaram, como sempre faziam quando ela ousava falar de sua solidão: *Está mesmo?*

Echo havia aberto uma porta e deixado o pássaro de fogo entrar. Mas não conseguia parar de pensar no que havia deixado sair.

DOIS



O MERCADO DE CAMDEN, em Londres, era algo impressionante em uma sexta-feira à noite. As bancas ficavam uma ao lado da outra, competindo entre si para ser a mais barulhenta e chamativa. Tapetes de origem persa duvidosa balançavam lentamente ao vento, e o amarelo forte dos postes de luz brilhava sobre uma fileira de cachimbos de vidro em uma mesa vizinha. O ar de julho não era bem o que Echo chamaría de agradável, mas amplificava os perfumes que ocupavam o mercado. Seu estômago roncava quando ela sentia o cheirinho de algo muito parecido com kebab. Talvez pegasse um na volta. Quem sabe até pagasse por ele. O sonho da noite anterior pesou sobre ela, mas o peso havia se tornado algo tão constante que ela conseguia ignorá-lo se se esforçasse bastante. *Compartimentalização*, ela refletiu. Era uma habilidade e tanto. E, se alguma cidade do mundo podia ajudá-la a esquecer de seus problemas, era esta.

Ela abriu caminho por entre os jovens excêntricos de Londres, procurando pela banca que Jasper havia lhe pedido para encontrar. Não precisava olhar para trás para saber que Caius estava em sua cola, acompanhando seus movimentos com determinação. Quando ela contou que sairia para buscar suprimentos, ele nem lhe deu a chance de pedir para ir sozinha. Não queria que ela fosse de jeito nenhum, insistindo que era mais seguro ficar no esconderijo na zona leste de Londres — um depósito abandonado, registrado em

um dos muitos nomes falsos de Jasper —, mas Echo precisava respirar algo diferente do ar envelhecido que estava compartilhando com Caius, Dorian, Jasper e Ivy desde que abandonaram a casa de Jasper em Estrasburgo e fugiram, três meses atrás.

Com os ferimentos de Jasper, eles não poderiam ir muito longe. Ivy tinha feito de tudo para curar a lesão dele, resultado do golpe que fora inicialmente direcionado a Dorian, mas até mesmo ela precisava de suprimentos. No instante em que Ivy mencionou que as ervas para o emplastro de Jasper estavam acabando, Echo se ofereceu para ajudar. Se passasse mais um minuto dentro daquele depósito, enlouqueceria. Ela precisava se distanciar. Dos outros, de sua cama, do teto manchado de umidade para o qual ficava olhando todas as noites quando enfim acordava de seu sono agonizante. Por sorte, Jasper conhecia um feiticeiro que havia aberto um comércio em Londres, vendendo produtos para qualquer pessoa com um olhar mágico o bastante para encontrar sua banca.

Ela observou rapidamente a área, passando os olhos pelo caos organizado do mercado. A magia não gostava de ser encarada. Preferia cintilar na visão periférica de alguém, insinuando sua presença. Desde aquele momento na Floresta Negra, quando recebeu o poder do pássaro de fogo em seu corpo, tornando-se seu veículo, Echo descobriu que estava em maior sintonia com as insinuações sutis da magia no ar. Pelo canto do olho, notou um brilho ao redor de uma banca, a menos de cinco metros de onde ela estava. Antes, teria percebido apenas uma leve bruma no ar que circundava a banca, mas agora a magia do feiticeiro resplandecia na penumbra artificial do mercado. Quando ela se virou para olhar direto para lá, o brilho desapareceu. *Achei você.*

Ela olhou para trás, encontrando os olhos verdes de Caius no meio da multidão. Ele não saía de perto dela, mas não a ponto de parecer que estavam juntos. Ideia dele. O boné sobre seus cabelos

castanhos recém-raspados e a grossa camada de maquiagem que escondia as delicadas escamas de seu rosto tinham sido ideia de Echo. Ele havia se contorcido na cadeira enquanto ela o enchia de base, nada acostumado à sensação de ter substâncias pegajosas no rosto, mas, se ela precisaria usar um disfarce, ele também teria fazer isso.

Echo esticou o braço para arrumar a peruca loira que havia colocado antes de sair do depósito e acenou com a cabeça, apenas o suficiente para Caius notar. Os enormes óculos de sol e a boina que ela havia furtado de um *hipster* que cochilava no metrô acrescentavam uma camada extra ao disfarce, mas Caius permanecia alerta. Eles já estavam sendo perseguidos: pelos Avicen, povo que Echo considerava sua família; pelos Drakharin, liderados pela própria irmã de Caius e por praticamente todos que tivessem o menor interesse pelo pássaro de fogo. Echo nunca havia se sentido tão popular.

O canto da boca de Caius esboçou um leve sorriso, e Echo se permitiu sorrir de volta. Ela nem havia pensado em se opor quando ele insistiu em acompanhá-la à loja do feiticeiro. Caius havia se revelado uma excelente companhia. Às vezes, eles subiam até o telhado do depósito e ele ficava indicando as constelações, alegrando-a com as histórias da cultura Drakharin por detrás das estrelas. Ela conhecia a versão dos humanos e dos Avicen, mas aquelas eram novas — e preciosas. Caius nunca queria passar muito tempo fora — de novo, a segurança em primeiro lugar —, mas aqueles momentos eram especiais. Encostada no concreto frio da cobertura, a poucos centímetros dele, Echo esquecia que estava sendo perseguida, não se sentia como uma peça de xadrez na guerra entre os Avicen e os Drakharin. Não se sentia como o pássaro de fogo, a única ferramenta que os dois lados estavam desesperados para controlar, na esperança de botar fim ao conflito secular que havia entre eles. Nesses momentos, ela não passava de uma garota olhando as estrelas ao lado de um garoto.

— Está procurando alguma coisa?

A voz puxou Echo de volta à realidade, fazendo-a se lembrar de onde e por que estava ali. Ela interrompeu o contato visual com Caius, agora encostado em um poste a duas bancas dali, olhando para as unhas da mão, a síntese da indiferença, e se virou para o homem que falava.

Se mingau de aveia assumisse a forma humana, seria esse cara. Cardigã marrom-claro. Camiseta branca manchada. Calças cargo surradas. Tênis All Star que um dia foram brancos, mas haviam escurcido até um triste tom acinzentado. Cabelos cor de areia que não eram nem castanhos, nem loiros. Tudo ali gritava “bege”. A única coisa que destoava era um par de óculos Ray-Ban que escondia seus olhos. Mas como Echo também estava usando óculos escuros à noite, não podia falar muita coisa. Enrolando um cigarro enquanto olhava para ela, o homem estava sentado em uma cadeira de metal atrás da banca, com as pernas cruzadas sobre uma mesa ao lado.

— Posso ajudá-la? — Seu sotaque londrino era carregado. Ele levou o cigarro aos lábios e deu uma lambida exagerada no papel para selá-lo. As bijuterias baratas de prata estavam expostas de qualquer jeito sobre a bancada, como se ele não estivesse interessado em vendê-las. Echo não viu problema algum nisso, já que também não estava interessada em comprá-las.

Ela tirou um pedaço de papel do bolso. Jasper havia rabiscado um símbolo nele — uma cruz com um diamante no centro e pequenos triângulos cobrindo cada uma das hastes — e dito para mostrá-lo ao homem. Era o símbolo internacional para “Aqui há feiticeiros”. Sob o símbolo, Ivy havia acrescentado uma lista de ingredientes.

— Sim — ela disse. — Estou procurando algumas coisas difíceis de encontrar.

O homem se inclinou para a frente, colocando os pés no chão com dificuldade. Ele pegou o papel da mão de Echo, aproximando-o do nariz para examiná-lo. Segundos se passaram. Echo se esforçou para não balançar o corpo, tamborilar sobre a coxa com ansiedade, ou mexer no forro da peruca, que a estava irritando a noite toda. Viajar disfarçada tinha sido divertido nos primeiros cinco minutos, mas a sensação de novidade já havia passado, assim como sua paciência com o feiticeiro bege.

Ele espiou Echo através dos óculos escuros, dando a ela a chance de ver o único indício de que ele não era mais humano. Seus olhos eram totalmente brancos, como se as pupilas tivessem sido engolidas por completo. Ver aquilo bastou para fazer os dedos de Echo buscarem por uma arma. Feiticeiros não eram coisa boa. Ela desejou pegar a adaga que levava escondida na bota. Nas proximidades, um rádio estalava com estática enquanto o locutor lia as últimas notícias. Um acidente de avião a poucos quilômetros de Sidney. As próximas eleições presidenciais nos Estados Unidos. A nuvem de cinzas vulcânicas que cobria o céu da Nova Zelândia depois que, três meses antes, um terremoto surpresa causou a erupção de um vulcão inativo — pelo visto, ele continuava vivo, ainda soltava fumaça. Partes do sonho de Echo passaram por sua mente, mas ela as enterrou o mais fundo possível.

— Esses ingredientes para cura são bem poderosos — disse o feiticeiro. Ele devolveu o papel a ela, levantando-se. — Você está em perigo?

— Sempre.

— Meu tipo de garota. — O feiticeiro deu a volta na mesa, entrou na banca e começou a revirar as caixas que estavam lá atrás. Não fez esforço algum para ser rápido. Olhou para Echo de uma maneira um pouco intensa demais e perguntou: — Você vem sempre aqui?

— Não.

Ela se forçou a não olhar para Caius. A última coisa de que precisava era iniciar uma conversa fiada com o feiticeiro. Quanto mais ele falasse, mais provavelmente faria uma pergunta que Echo não poderia ou não gostaria de responder. Ela estava começando a achar que talvez devesse ter dado ouvidos a Caius e ficado no depósito, protegida pelas camadas de bloqueios que os protegiam.

Dando de ombros, o feiticeiro disse:

— A maioria das pessoas que me procura está em busca de algo um pouco menos... benevolente. — Ele se levantou, segurando vários saquinhos cheios de ervas. Estendeu-os a Echo, mas, quando ela tentou pegá-los, ele os puxou de volta. — Pagamento adiantado, querida. São quinhentos.

Que roubalheira, Echo pensou, tirando a mochila dos ombros para pegar o bolo de dinheiro que havia pegado da reserva de Jasper. Embora o depósito não fosse o mais agradável dos lugares — tinha goteira, os canos estavam enferrujados e o aquecimento era mais imaginário que real —, lá havia um estoque considerável de moedas de vários países. Ela colocou o dinheiro sobre a mesa.

— Aqui está. Entregue as coisas e eu te deixo em paz de uma vez.

— Oh, ficou irritada. — O feiticeiro arrastou os saquinhos sobre a mesa na direção dela, mas não tirou as mãos de cima deles.

— Acho que gostaria de te conhecer um pouco melhor.

Echo pegou os saquinhos, ignorando o fato do dedo mindinho dele ter tocado de leve em sua mão.

— A vontade *não* é recíproca. — Ela guardou os saquinhos na mochila, fechou o zíper e colocou as alças nos ombros. — Eu poderia dizer que foi um prazer fazer negócios com você, mas estaria mentindo.

Ela se virou, indo em direção à entrada do mercado, com a gargalhada do feiticeiro soando em seus ouvidos. Sua pele parecia

viscosa no ponto em que ele a havia tocado. Ela esfregou a palma das mãos na calça jeans, para se livrar daquela sensação.

Uma mão pegou na dela, e Echo deu um salto, instintivamente tentando se afastar.

— Relaxe — Caius sussurrou, o hálito quente junto ao ouvido dela. — Sou eu.

A tensão se esvaiu do corpo de Echo, dando lugar a uma sensação latejante nas entradas, algo parecido com prazer. Ela gostou de sentir o toque da mão dele. Gostou da textura áspera dos calos dele combinada à maciez de sua pele. Eles haviam se aproximado no decorrer das últimas semanas, embora não tivessem ido além das carícias. Uma presença palpitou no fundo de sua mente. Ela a ignorou. Estava cada vez mais fácil silenciar Rose, mas, sempre que Caius a tocava, aquela voz tinha o hábito de se elevar como se a proximidade dele a evocasse.

Ela apertou a mão de Caius, saboreando o pequeno sorriso que enfeitava os lábios dele. Caminharam até a estação de metrô Camden Town, onde pegariam um trem de volta ao depósito. Uma viagem livre de magia era outra ideia de Caius. Aquilo faria com que as pessoas tivessem mais dificuldade para rastreá-los, caso procurassem sinais de magia ou os resíduos deixados pelo pó de sombra. Echo não podia discordar da perspicácia daquele pensamento, mas sentia falta da conveniência de viajar pelo entremeio, de passar por uma porta em uma cidade e sair em um país completamente diferente.

Ela bateu com o ombro no braço de Caius.

— Achei que não iríamos demonstrar que estamos juntos. Não estamos desobedecendo as regras?

Caius sorriu de novo, olhando para as mãos dadas. Passou o polegar sobre os ossinhos das mãos dela, bem onde o feiticeiro a havia tocado, como se apagasse o último resquício daquele contato indesejado.

— Se aprendi algo no tempo em que passei com você — ele disse, chegando mais perto para que ela ouvisse suas palavras em voz baixa —, é que algumas regras foram feitas para serem desobedecidas.

As luzes da rua cintilavam atrás da cabeça dele, lançando um leve brilho dourado sobre as mechas de cabelo que escapavam de seu boné. Echo queria que ele não precisasse esconder as escamas; gostaria de ver o brilho e a textura sutis delas quando a luz percorresse as maçãs do rosto de Caius. Ele a olhava com expectativa, esperando uma reação. Seus olhos eram cor de esmeralda, um tom mais luminoso que o verde dos humanos, como se houvesse uma luz dentro deles.

Ele é lindo, não é?, disse a voz dentro da cabeça de Echo.

Cala a boca, Rose. Surpreendentemente, Rose obedeceu, mas não sem deixar uma sensação que lembrava muito uma risada fantasmagórica na cabeça de Echo, fazendo seu corpo inteiro tremer.

Caius apertou a mão dela.

— Echo. Está tudo bem?

Ela pigarreou e desviou o olhar. Os pensamentos de Rose podiam ser indesejados, mas Echo não tinha como discutir com ela. Caius era de fato muito adorável. Ele só não sabia que Rose precisara evidenciar isso. Ele sabia que Rose estava lá, enterrada em algum lugar no fundo da cabeça de Echo, sua alma inextricavelmente ligada à energia do pássaro de fogo, mas o tanto que Rose havia ficado à vontade era algo que Echo não estava preparada para compartilhar. Ela agora tinha poder, responsabilidades. Havia pessoas que dependiam dela, e ouvir vozes não era uma característica associada a alguém confiável. Então, ela guardava os comentários de Rose para si. Talvez chegassem um dia em que fantasmas antigos ficassem em silêncio e deixassem Echo sozinha na própria cabeça. Era permitido sonhar. Até lá, entretanto, quanto menos pessoas soubessem, melhor.

Eles estavam quase na estação de metrô. Pegariam o trem que iria sentido norte e estariam em casa em menos de meia hora, mas era sufocante a ideia de voltar para o depósito, de retornar para aquelas paredes familiares e colchões finos demais. Echo precisava de mais tempo longe de lá, para fingir mais um pouco que o peso do mundo não estava sobre seus ombros. Seu estômago voltou a roncar, e então ela teve uma ideia.

— Está tudo bem, sim. — Ela apertou a mão de Caius de volta, fazendo ele dar outro sorrisinho. Ele estava sorrindo mais nos últimos tempos, embora não fosse nada parecido com os sorrisos inocentes que ela conhecia das lembranças de Rose.

Mágoa, Echo pensou. *Português. O resíduo deixado pela tristeza.*

Os resquícios de um sofrimento antigo ainda permaneciam dentro de Caius, e afetavam cada gesto e detalhe de seu comportamento, mesmo que discretamente. O Caius de Rose havia sido uma pessoa diferente, embora Echo gostasse da versão atual. Mesmo assim, as dúvidas ainda a atormentavam. Ela queria perguntar se o que ele sentia por ela era verdadeiro. Se tudo o que via quando olhava para ela era uma garota morta. Se ela estava louca ao questionar se uma história tão entrelaçada como a deles — dela, de Caius, de Rose — poderia, algum dia, ter um final feliz. Mas só conseguiu perguntar:

— Você está com fome?

O sorriso de Caius desapareceu.

— Acho melhor a gente voltar.

Echo deu um salto à frente, puxando-o em direção à barraquinha de kebab na esquina. Londres era cheia delas, e mesmo com uma qualidade meio duvidosa, ela estava disposta a se arriscar.

— Ah, vamos, vai. Um sábio me disse uma vez que algumas regras foram feitas para serem desobedecidas.

Com uma risadinha, Caius disse:

— Ele não me parece muito sábio.

Mas ele não resistiu quando ela o puxou em direção ao delicioso kebab. Descer a rua como um casal sem dúvida era contra as regras, mas a noite era uma criança, e ela era jovem. O momento era de Echo, e ela o aproveitaria, mesmo que — ou talvez porque — soubesse que não duraria muito.